Uma narrativa iconográfica *An iconographic narrative*

Simone Petraglia Kropf
Aline Lopes de Lacerda

Diane Grosklaus Whitty (trad.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

KROPF, S.P., and LACERDA, A.L. Uma narrativa iconográfica = An iconographic narrative. In: *Carlos Chagas, um cientista do Brasil* = Carlos Chagas, scientist of Brazil [online]. Translated by Diane Grosklaus Whitty. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009, pp. 19-23. ISBN: 978-65-5708-000-9.
<https://doi.org/10.7476/9786557080009.0004>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Uma narrativa iconográfica

Com as imagens aqui reunidas, queremos apresentar uma narrativa visual sobre a trajetória de vida do médico e cientista Carlos Chagas. Elas são resultado de pesquisa, identificação, seleção, edição e tratamento gráfico; além das legendas, vêm acompanhadas de trechos de depoimentos e citações de época.

Pesquisar e reunir imagens, tendo como objetivo criar um quadro que permita compreender a trajetória de um indivíduo no seu tempo e espaço, manifesta a intenção de utilizar as representações visuais como instrumento cognitivo. As fotografias, entre outros tipos de imagens, constituem realizações materiais das formas de ver e de representar características de uma época. Além disso, a partir do universo dos documentos iconográficos a que se tem acesso hoje, somos levados a problematizar o espaço ocupado pela visualidade em diferentes sociedades, em distintos momentos.

O primeiro passo para a realização dessa empreitada consistiu na localização de acervos que apresentassem conexões expressivas com a vida de Carlos Chagas. Ao mesmo tempo, mantínhamos a atenção voltada para a pesquisa de registros que pudessem, em alguns casos, representar contextos relativos a períodos da vida do biografado, estratégia presente no capítulo dedicado à sua infância, por exemplo. Nessa busca, vários acervos foram considerados de interesse, e o livro conta com uma gama variada de documentos deles provenientes. Contamos, fundamentalmente, com o arquivo histórico do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) – local de formação e atuação profissional de Chagas, cujos laços com o cientista foram por ele mesmo ressaltados como mais do que simples laços profissionais – e com o seu arquivo pessoal. Esses dois conjuntos documentais fornecem as principais fontes a partir das quais construímos a ‘espinha dorsal’ desta narrativa, e não por acaso.

Os arquivos, de modo geral, possuem características muito peculiares, na medida em que encontram a sua unidade e a razão mesma de sua existência na figura de quem os produziu, seja uma instituição ou um indivíduo. Essa relação única entre os documentos e seu produtor está na origem de um tipo de vínculo específico que só os documentos de arquivo apresentam, capaz de transformar uma massa de documentos de conteúdos e formatos diversos em um todo organicamente significativo. Cada documento, e todos no seu agrupamento, guardam o seu sentido original naquela relação. É por isso que costumamos encontrar, na sequência serial da documentação que caracteriza os arquivos, uma densidade de informações, uma organicidade de relações que dificilmente se apresenta da mesma forma em outros tipos de acervos.

Foi no arquivo pessoal de Chagas e no da instituição à qual devotou sua vida que encontramos as pedras fundamentais que sustentam a narrativa sobre a trajetória do cientista. Com base nesses universos documentais e na compreensão atual que temos de sua vida, numa perspectiva histórica, fomos escolhendo os episódios que queríamos abordar, as imagens que poderiam expressá-los, e as sequências que, ‘costurando’ esses elementos, lhes conferissem sentido. Nesse processo, o conhecimento histórico ia tecendo a trama que envolveria os elementos aparentemente dispersos da documentação, ao mesmo tempo que os próprios registros nos sugeriam, de diferentes maneiras, novos percursos narrativos.

A importância e a riqueza do caráter serial – que marca a produção documental em arquivos – para a pesquisa com imagens fica exemplificada no tratamento que dedicamos a um tema relacionado à vida de Chagas: a série de retratos de doentes produzida pelo IOC durante as primeiras décadas do século XX. Trata-se de uma extensa documentação fotográfica que registra as várias manifestações clínicas de uma gama de enfermidades estudadas pelos médicos e cientistas de Manguinhos, incluindo a doença de Chagas. A qualidade estética dos retratos e o volume do material nos permitiram uma seleção das imagens que, naquela época, eram reconhecidas como provas dos sinais que atestavam a existência das enfermidades. O fato de que esses retratos se multiplicam nos arquivos médicos criou condições para que pudéssemos tratá-los, no livro, não como registros singulares da doença, mas, ao contrário, como uma série de individualidades indistintas, unidas pela classificação da moléstia que se descortinava como fato médico.

No capítulo dedicado ao tempo de Carlos Chagas na direção de Manguinhos utilizamos diversas imagens que, do ponto de vista de construção formal, são bastante semelhantes. Referimo-nos àquelas em que o diretor figura entre visitantes nas varandas do castelo mourisco. No arquivo do IOC, essa série de fotografias é característica do período de Chagas na direção do instituto: antes e depois de sua gestão encontram-se, no arquivo, imagens semelhantes, mas o volume e a concentração não se repetem mais. Se a produção rotineira desse tipo de fotografias foi uma diretriz da própria gestão de Carlos Chagas é hipótese a ser analisada, mas, de todo modo, essa série nos permite refletir sobre as práticas institucionais de produção de imagens e seu valor para uma investigação acerca de linguagens e usos da produção institucional fotográfica nos anos 1920 e 1930. Esse é um dos sentidos que as imagens podem nos sugerir.

Os registros pertencentes a outros acervos foram buscados para ampliar as possibilidades informativas, mas, sobretudo, para estabelecer relações entre Chagas e o universo em que atuou e circulou. Imagens e registros de personagens contemporâneos ao cientista e com os quais se relacionou, além de arquivos de jornais e revistas, podem oferecer uma base para se refletir sobre suas relações sociais, sua imagem pública, a amplitude e os canais de circulação de suas idéias, os momentos de consagração e também de críticas e polêmicas.

A opção por inserir citações históricas na narrativa foi estratégia de contextualização dos documentos visuais e de estabelecimento de conexões entre as imagens e visões de mundo de diferentes atores sociais que, de alguma maneira, estabeleceram relações com os temas retratados. Além disso, documentos textuais foram transformados em iconografia e editados junto às imagens, no intuito de multiplicar as diferentes ‘vozes’ a serviço dessa narrativa. Assim, a apresentação das imagens de velhas cartas e bilhetes, de recortes de jornais ou relatórios contendo grifos, cortes, rasgos foi uma opção não apenas estética mas também dotada de sentido para a compreensão dos próprios atributos físicos dos documentos: eles são igualmente vetores de conteúdo, contribuindo para ampliar a compreensão e leitura do registro. A multiplicidade documental contida no livro atesta o nosso propósito de valorizar diferentes enunciados, iluminando a lógica discursiva de distintos gêneros documentais.

Por trás de cada imagem devemos considerar as práticas e padrões que orientaram e permitiram a sua produção, circulação e usos, no intuito de nos indagar acerca do papel social desempenhado pela visão. Hoje responsáveis por representar a cultura visual de épocas variadas, as imagens nos desafiam a proceder a uma leitura diferenciada, baseada numa operação de percepção. A materialidade do objeto visual e o conhecimento dos contextos de seu aparecimento, somados às deduções que a operação perceptiva acarreta, são elementos que concorrem para a sua leitura.

Nossa intenção foi, portanto, construir uma biografia visual de Carlos Chagas que, ao utilizar imagens e outros tipos de documentos – associados a uma representação ‘objetiva’ do real – não pretende ser menos autoral do que qualquer outra narrativa biográfica. Ao contrário, através da nossa narrativa, construímos ‘um’ percurso para o cientista, elegemos contextos e fatos, perseguindo sempre o desafio de ultrapassar os temas retratados em direção a um exame da natureza visual bem como da função social desses documentos.

Ao leitor caberá estabelecer outras conexões, indagar os registros a partir de novas perspectivas, construindo, ele também, a sua narrativa. As imagens são terreno fértil para as interpretações e, polissêmicas, estimulam o leitor a conhecer o passado trilhando uma infinidade de caminhos.

An iconographic narrative

Through the images found on these pages, we have endeavored to craft a visual narrative of the life trajectory of physician and scientist Carlos Chagas. The images are the product of research, identification, selection, editing, and graphic treatment. In addition to textual captions, the reader will find excerpts of testimonies and historical quotations.

In researching and assembling these images in order to paint a picture that provides an understanding of an individual's journey through his time and space, we opted to use visual representations as a cognitive tool. Photographs, like other types of images, are concrete realizations of how people typically see and represent things during a given era. Moreover, considering the volume of today's universe of accessible iconographic documents, we are led to reflect on the space occupied by visual culture in different societies at different moments.

Our first step in this enterprise was to locate archives that had significant connections to Carlos Chagas's life. Concomitantly, we were attentive to researching records that might be representative of contextual settings within our subject's lifetime—a strategy used in the chapter on Chagas's childhood, for instance. A number of holdings were deemed of interest in this search, and the book includes a wide gamut of documents from these. Our main sources were Chagas's personal archive and the historical archive belonging to the institution where he trained and spent most of his career—the Oswaldo Cruz Institute (OCI)—and where he forged bonds that went deeper than mere professional ties, as he himself affirmed more than once. The backbone of our narrative was constructed from these two sets of records—and this is no accident.

Every archive tends to display its own distinctive characteristics, since it derives its very unity and *raison d'être* from the personality that produced it, whether this was an institutional entity or an individual. This unique relationship between records and their creator lies at the heart of a kind of connection peculiar to archival records, a connection capable of taking a mass of documents of varied content and format and transforming them into an organically significant whole. Every record in itself, and all of them within their grouping, traces its original meaning to this relationship. This is why the characteristically serial nature of an archive's documentation offers us densely packed information and organic relationships rarely observed in the same way in other kinds of holdings.

The cornerstones of this narrative of the scientist's life and career were found in his personal archive and the archive of the institution to which he devoted his life. Grounded in this universe of documents and in our current understanding of his life from a historical perspective, we selected the episodes we wanted to address, the images that could express them, and the sequence in which they could be stitched together in a meaningful way. In the process, historical knowledge served to weave apparently disparate elements of documentation into a web, while we also discovered that the records themselves had their own ways of suggesting new narrative paths.

The serial nature of archival documentation makes this material particularly valuable when researching images, as exemplified in our processing of one topic related to Chagas's life: the series of portraits of diseased people produced by the Oswaldo Cruz Institute during the early decades of the twentieth century. This extensive photographic documentation has left a record of the different clinical presentations of a gamut of illnesses studied by Manguinhos physicians and scientists, including Chagas disease. The aesthetic quality of the portraits and their very quantity afforded us a selection of the images that in their day had been recognized as proof of the clinical signs confirming the existence of these illnesses. The fact that the medical archives contained a multitude of such pictures let us process them in the book not as singular records of this disease but, to the contrary, as a series of indistinguishable individualities, unified by the classification of the malady then revealing itself as a medical fact.

In the chapter on Carlos Chagas's time as director of Manguinhos, we used a number of images of quite similar formal construction, in which the director is seen among visitors on the verandahs of the Moorish-style castle. Within the OCI archive, this series of photographs is characteristic of the period when Chagas headed the Institute; comparable images from before and after his tenure can be found in the archive, but they are neither as numerous nor as concentrated. Whether or not he had put in place under his directorship a standing guideline to take this type of picture is a hypothesis to be analyzed, but in any case, this series lets us ponder institutional practices concerning the production of images and what their import might be in an investigation of the language and use of photographic production by institutions in the 1920s and 1930s. This is one of the meanings images can impart to us.

We looked for records within other holdings not only to expand the scope of information but primarily to anchor Chagas to the universe where he worked and lived. Images and records of his contemporaries and colleagues, in addition to newspaper and

magazine archives, form a background against which we can ponder his social relationships, his public image, how his ideas circulated and how far they reached, his moments of glory, and his experiences with criticism and controversy as well.

Quotations were added to the narrative as a strategy for contextualizing the visual documents and for drawing links between the images and the worldviews of the various social actors who in one way or another were engaged with the themes portrayed. Textual records in iconographic format were similarly included with the images as a means of multiplying the various voices at the service of this narrative. In other words, our inclusion of images of old letters and notes and of newspaper clippings or reports with rips, tears, and markings was not merely an aesthetic choice but was intended to imbue the physical attributes of these records with meaning as well, for they too are vectors of content that help enhance our understanding and interpretation of the records. The book's multiplicity of documents attests to our wish to value manifold utterances, illuminating the discursive logic of distinct genres of documents.

We must take into account the practices and norms that guided and allowed for the creation, circulation, and uses of every image, so we can contemplate the social role played by vision. Images today are responsible for representing the visual cultures of different eras, and they challenge us to undertake differentiated interpretations, based on a perceptual operation. The materiality of the visual object and our knowledge of the contexts in which it appeared, together with the deductions derived from our perceptual operation, all have a say in this interpretation.

Using images and other types of records – all of which are associated with an “objective” representation of reality – our aim was thus to create a visual biography of Carlos Chagas that would be no less authorial than any other biographical narrative. To the contrary, through our narrative, we have laid out one possible path to understanding the scientist, choosing contexts and facts, always striving to reach beyond the themes portrayed and into an exploration of the visual nature and social function of these records.

It is up to the reader to make other connections and to contemplate these records from other angles, creating his or her own narrative too. These images lay fertile ground for different interpretations and, in their polysemy, can encourage the reader to learn about the past by pursuing an infinity of roads.

Microscópio de Carlos Chagas
Acervo Casa de Oswaldo Cruz
Carlos Chagas's microscope